



APRESENTAÇÃO

I ENCONTRO INTERNACIONAL DE METODOLOGIAS QUALITATIVAS DE PESQUISA E/OU AÇÃO



Entre os dias 25 e 27 de maio de 2023 professores, pesquisadores, estudantes de graduação e pós-graduação de distintas áreas do conhecimento e de diferentes latitudes reuniram-se em Montevidéu, capital do Uruguai com o objetivo de contribuir para o conhecimento científico a partir de diversas questões. O I Encontro Internacional de Metodologias Qualitativas de Pesquisa e/ou Ação (I Encontro MQPA), com o tema, *Desenvolvimento territorial sustentável* surgiu a partir da necessidade de promover o debate acerca do desenvolvimento territorial sustentável do/no espaço rural e urbano da região latino-americana.

A eleição do tema do I Encontro MQPA, se deu diante o controverso modelo econômico que nos encontramos, comprometendo as expectativas das futuras gerações de um mundo socialmente inclusivo, economicamente equilibrado e ambientalmente sustentável. Seja isso, no campo e cidade, dos rios e das florestas, e da incapacidade, do conhecimento científico racionalista moderno de fazer frente, sozinho, a essas questões.

Desta forma, o objetivo que guiou o I Encontro MQPA foi promover a socialização e o debate, de metodologias qualitativas de pesquisa e/ou ação voltadas para a construção de uma sociedade inclusiva. Essa outra sociedade, caminha em direção perversa a dominação social que remonta aos processos de colonialismo, que subjugarão os povos originários dos países do Sul Global, no qual os países do Norte conseguiram impor ao sistema mundo o seu ideal dominante, a acumulação e a exploração.

Devemos lembrar, que a dominação do Norte sobre o Sul Global é um processo histórico que, desde sua origem, se faz complexo e multifacetado, tendo raízes históricas profundas que se manifestam em diferentes frentes e dimensões, seja com este modelo econômico neoliberal imposto ao mundo, seja nas ações políticas, e nas influências da ideologia hegemônica burguesa em processos culturais, sociais, econômicos, políticos, ambientais e científicas.

Neste sentido, o conhecimento científico, foi apropriado por este Norte, e passou a desempenhar papel significativo ao longo da história, visando perpetuar desigualdades e promover a dominação também nesta dimensão. Na atualidade, as controvérsias que se evidenciam na realidade material são as crescentes desigualdades de renda, sociais, políticas, culturais, e ideológicas que pairam sobre o mundo.

O modelo econômico atual, que tem por base a ideologia neoliberal, tem contribuído para o enriquecimento de elite, cada vez menor, enquanto cada vez mais pessoas lutam para atender às suas necessidades básicas. Além disso, a lógica mercadoria, estendida às diferentes vertentes, tem promovido uma alienação da sociedade frente aos interesses do lucro e da sua busca, que parece, cada vez mais, irracional, pois, é prezada em qualquer situação.

Assistimos, hoje, assim, um esgotamento, nos países do Sul global, de seus elementos da natureza, onde o campo é cada vez mais explorado por grandes corporações. As florestas e os biomas, tornaram-se, neste sistema mundo que contrapõe Norte e Sul, mercadoria para as empresas em busca de lucro e realização de seus investimentos. Nas cidades essas mesmas lógicas se reproduzem, no qual o espaço urbano, transformado em mercadoria, perdem sentidos para os trabalhadores que nelas vivem, e que elas constituem auferindo significado.

Pode se dizer, que esse mundo, com este modelo econômico atual, onde ocorre a dominação do Sul pelo Norte global, é baseado em padrões insustentáveis de produção e consumo de mercadorias, no qual a exploração excessiva dos elementos da natureza, transformados pela racionalidade capitalista em recursos naturais, causam, quando não, potencializam, a poluição, a destruição de biodiversidades, e as mudanças climáticas.

Frente a isso, urge a necessidade de o conhecimento científico corresponder frente a este estado de relações e de suas consequências. Essas controvérsias envolvem uma série de interesses e prioridades conflitantes. Encontrar soluções sustentáveis para esses desafios é uma tarefa complexa que exige diálogo, cooperação internacional e renova o papel da ciência frente a esse outro mundo.

Todavia, essa mudança não será com o conhecimento científico assentado na lógica da ciência racionalista surgida na Renascença. Historicamente, desde o século XVII a ciência foi, frequentemente, apropriada e utilizada pela elite dominante desse sistema mundo – que o divide entre Norte e Sul - para exploração dos países do Sul pelo Norte global. No processo histórico, isso inclui a colonização e o atual cenário, no qual os países do Sul, são alvo da exploração de minerais, petróleo, madeira e outros recursos valiosos por empresas das potências do Norte.

A não ocorrência da mudança, decorre da dominação deste ideário, que se manifesta, também, nas ciências e no fazer científico. Nas ciências humanas, por exemplo, a perspectiva colonialista que surge na Renascença serviu, e ainda serve, a esse modelo econômico, tendo sido historicamente influenciadas pela perspectiva eurocêntrica da História e das relações sociais, orientadas, sobretudo, para a manutenção do poder colonial do Norte Global e de suas ideias dominantes.

Este racionalismo moderno, promoveu no conhecimento científico, e nos saberes em geral, uma orientação eurocêntrica, promovendo a superioridade do pensamento e da cultura europeia frente aos povos do Sul global. Esse processo, além de restringir a atuação do conhecimento científico, impulsionou, também, a desvalorização de perspectivas e saberes não europeus, incluindo saberes indígenas e tradicionais.

Muitas abordagens refletem, até os dias de hoje, essa visão internalizada do colonialismo, que justifica a dominação europeia e a exploração de territórios colonizados. Incluindo aí teorias racistas e etnocêntricas. Essa mesma ciência moderna racionalista, que serve aos interesses daquele que domina o modelo econômico, parece ser incapaz de problematizar as implicações econômicas, políticas, culturais e sociais destes processos e da atualidade, resultando na promoção de um conhecimento científico com olhares incompletos e minimizadores da realidade.

Neste contexto, surgiram ao longo das últimas décadas movimentos que promoveram a problematização das limitações desta ciência vinda de países do Norte colonizador, e surgiu um esforço para descolonizar os saberes e a ciência. Esses movimentos prezam pela promoção de perspectivas críticas, a valorização de saberes indígenas e locais, e o desenvolvimento de teorias mais inclusivas e justas que dialoguem com a realidade material dos sujeitos e grupos que as vivenciam. E é, com esse estado de coisas, que se promoveu o I Encontro MQPA.

O I Encontro MQPA buscou promover auxiliar no processo de descolonização da ciência burguesa imperialista e ser uma resposta à persistente influência do colonialismo nas

estruturas e sistemas globais, que tanto limitam as análises da realidade do campo e da cidade nos países do Sul. O colonialismo envolveu a exploração, opressão e violência sistêmica contra povos indígenas e colonizados ao redor do mundo, não será possível promover um conhecimento científico holístico considerando como base o saber promovido pelas elites globais que reproduzem sua hegemonia na ciência.

Buscar promover um encontro com base na decolonialidade significa promover reflexões para ações que visem reparar as injustiças históricas, como as desigualdades econômicas, políticas, culturais e sociais persistentes até o dia de hoje. A perspectiva eurocêntrica dominou, em certa medida ainda domina, o conhecimento, a cultura e a política. A decolonialidade, assim, é promover a valorização das múltiplas perspectivas, conhecimentos e saberes que foram historicamente marginalizados ou suprimidos pelo eurocentrismo, como buscou o I Encontro MQPA.

No encontro, problematizou-se a necessidade do reconhecimento do direito dos povos colonizados e indígenas à autodeterminação, permitindo que eles controlem suas próprias vidas, terras e recursos. Isso é fundamental para a restauração da dignidade e do poder decisório. A busca é desafiar as hierarquias impostas pelo colonialismo do Norte, incluindo hierarquias raciais, culturais e econômicas. Isso envolve o questionamento das noções de superioridade de certos grupos sobre outros.

O I Encontro MQPA, e este dossiê, buscou promover a revitalização e a proteção desses aspectos culturais, reconhecendo a importância dos diferentes povos com seus saberes para a diversidade global. O colonialismo frequentemente levou à exploração insustentável de recursos naturais em benefício das potências colonizadoras, no encontro buscou-se problematizar e promover práticas, na quais as relações caminhem em direções mais equitativas com a natureza, considerando a importância da sustentabilidade ambiental.

A busca, sobretudo, é a transformação das estruturas políticas, econômicas e sociais que perpetuam a dominação e a exploração. Isso inclui a reforma de sistemas legais, econômicos e educacionais que mantêm desigualdades. No nosso encontro, assim, e esse dossiê, você irá encontrar textos que visam problematizar alternativas aos entendimentos dos problemas atuais dos países do Sul, mas que buscam, e tem como base a solidariedade global entre povos e nações que lutam contra formas contemporâneas de colonialismo, como o neocolonialismo, e trabalham juntos para construir um mundo mais igualitário e justo.

Desta maneira, o I Encontro MQPA e esse dossiê buscou caminhar na direção da transformação social em direção a uma sociedade mais justa e igualitária. Através da colaboração e do compartilhamento de conhecimento em nosso encontro de pesquisadores, essa transformação se torna mais possível que se materializa agora neste dossiê.

Em resumo, esse dossiê com os trabalhos do encontro é crucial na promoção da pesquisa crítica, na criação de redes de colaboração, na ampliação do debate sobre a colonização e na promoção da justiça epistêmica.

Me. Osmar Fabiano de Souza Filho,
Dra. Ana Gabriela Trujillo Díaz
Dra. Vivian Mendes Hermano,